

Ética no Mundo Real

Título original:
Ethics in the Real World

Copyright © 2016 by Peter Singer
Publicado através de acordo celebrado com The Robbins Office, Inc.
e Aitken Alexander Associates Ltd.

Tradução: Desidério Murcho

Revisão: Inês Guerreiro

Capa de FBA

Depósito Legal n.º ?????

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

SINGER, Peter, 1944-

Ética no mundo real : 82 breves ensaios
sobre coisas realmente importantes. - (Extra-colecção)
ISBN 978-972-44-1952-7

CDU 17

Paginação:
JOÃO JEGUNDO

Impressão e acabamento:
??????
para
EDIÇÕES 70
em
abril de 2017

Direitos reservados para Portugal
por Edições 70

EDIÇÕES 70, uma chancela de Edições Almedina, S.A.
Avenida Engenheiro Árautes e Oliveira, 11 – 3º C - 1900-221 Lisboa / Portugal
e-mail: geral@edicoes70.pt

www.edicoes70.pt

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

Peter Singer

Ética no Mundo Real

82 breves ensaios
sobre coisas realmente
importantes



ÍNDICE

<i>Introdução</i>	11
<i>Agradecimentos</i>	17

GRANDES QUESTÕES

O valor de um ponto azul-claro	21
Há alguma coisa que importe?	25
Será que há progresso moral?.....	29
Deus e o sofrimento, de novo.....	33
Moralidade sem Deus (com Marc Hauser).....	37
Estamos preparados para a «pílula da moralidade»? (com Agata Sagan)	41
A qualidade da clemência.....	45
Pensar acerca dos mortos	49
Deveria esta ser a última geração?.....	53
Filosofia no pódio	57

ANIMAIS

Os ovos éticos da Europa	63
Se os peixes pudessem gritar.....	67
Preconceito cultural contra a caça da baleia?	71
Uma defesa do veganismo	75
Considere-se o peru: ideias para o Dia de Ação de Graças ...	81

Carne <i>in vitro</i>	87
Os chimpanzés também são pessoas.....	91
A vaca que... ..	95

PARA LÁ DA ÉTICA DA SANTIDADE DA VIDA

A verdadeira tragédia do aborto.....	101
Tratar (ou não) os bebês mais minúsculos.....	105
Abrir a cortina da morte misericordiosa de recém-nascidos..	111
Os velhos não têm doenças	115
Quando os médicos matam	119
Escolher a morte	123
Morrer no tribunal.....	127

BIOÉTICA E SAÚDE PÚBLICA

O genoma humano e o supermercado genético	133
O ano do clone?	137
Rins à venda?	141
As muitas crises dos cuidados de saúde	145
Saúde pública contra a liberdade privada?	149
Pesa mais, paga mais	153
Devemos viver até aos mil anos?	157
A população e o papa.....	161

SEXO E GÊNERO

Deve o incesto entre irmãos adultos ser um crime?.....	167
A homossexualidade não é imoral.....	171
Vícios virtuais	175
Um caso privado?.....	179
Em que medida exatamente deve o sexo importar? (com Agata Sagan)	183
Deus e mulher no Irão.....	187

FAZER O BEM

A solução de um por cento.....	193
Fazer as instituições de caridade prestar contas.....	197
Benevolência ostensiva	201
Boa caridade, má caridade	205
Causas emocionais são bonitas, mas devemos fazer caridade com a cabeça.....	211
O custo ético da arte muito dispendiosa.....	217
Evitar a extinção humana (com Nick Beckstead e Matt Wage) ..	221

FELICIDADE

Felicidade, dinheiro e dá-lo aos outros	229
Poderemos aumentar a felicidade interna bruta?	233
O alto custo de estar em baixo	237
Sem limite de sorriso	241
Feliz, apesar de tudo — Harriet McBryde Johnson 1957–2008	245

POLÍTICA

As falácias de Bentham, ontem e hoje.....	251
A crise fiscal dos fundadores da nação	255
Porquê votar?.....	259
Liberdade de expressão, Maomé e o Holocausto.....	263
O uso e abuso da liberdade religiosa	267
Um homem honesto?.....	271
Será a cidadania um direito?	275
O jogo da espionagem.....	279
Uma estátua para Estaline?	283
Será que devemos homenagear racistas?.....	287
Não, não se mude para o Canadá — nem para a Austrália	293

GOVERNAÇÃO GLOBAL

Fugir da crise de refugiados.....	299
Será a diplomacia aberta possível?	303
A ética da comida.....	307
Equidade e mudança climática (com Teng Fei).....	311
Será que quem polui irá pagar a mudança climática?	315
Por que razão servem carne num colóquio sobre a mudança climática? (com Frances Kissling).....	319
Destronar o rei carvão.....	325
Paris e o destino da Terra.....	329

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Razões inequívocas a favor do arroz dourado.....	337
Vida feita à medida	341
Direitos para robôs? (com Agata Sagan)	345
Um sonho para a era digital	349
Uma biblioteca universal.....	353
O preço trágico de ser anticientífico	357

VIDA, DESPORTO E TRABALHO

Como manter uma resolução de Ano Novo	363
Por que razão pagar mais?	367
Mães-tigre ou mães-elefante?	371
Volkswagen e o futuro da honestidade.....	375
Será a dopagem imoral?	379
Será que não faz mal fazer batota no futebol?	383
Uma reflexão surfista.....	387

<i>Notas</i>	391
--------------------	-----

INTRODUÇÃO

Todos fazemos escolhas éticas, frequentemente sem nos darmos conta. Pressupomos demasiadas vezes que a ética é acerca de obedecer a regras que começam com «Não debes...». Se viver eticamente fosse só isso, então, desde que não violássemos qualquer uma dessas regras, seria ético fazer fosse o que fosse. Essa perspectiva da ética, contudo, está incompleta. Não tem em consideração o bem que podemos fazer a quem é menos afortunado do que nós, não apenas na nossa própria comunidade, mas seja onde for que a nossa ajuda possa chegar. Devemos alargar também o nosso cuidado às gerações do futuro, e para lá da nossa espécie, abrangendo os animais não humanos.

Outra responsabilidade ética importante aplica-se aos cidadãos das sociedades democráticas: ser um cidadão educado e participar nas decisões da nossa sociedade. Muitas destas decisões envolvem escolhas éticas. Nas discussões públicas destas questões éticas, as pessoas com formação em ética, ou filosofia moral, podem desempenhar um papel valioso. Hoje isto não é uma afirmação especialmente controversa, mas quando eu era estudante os próprios filósofos proclamavam que era um erro pensar que tinham qualquer conhecimento especializado que lhes daria qualificações para

abordar questões éticas substanciais. A perspectiva então comum da disciplina, pelo menos no mundo anglófono, era a de que a filosofia dizia respeito à análise de palavras e conceitos, sendo por isso neutra quanto a questões éticas substanciais.

Felizmente para mim — porque duvido que tivesse continuado em filosofia se essa perspectiva continuasse a prevalecer —, a pressão dos movimentos de estudantes de finais dos anos sessenta do século xx e inícios dos anos setenta transformou a maneira como a filosofia moral é praticada e ensinada. Na era da Guerra do Vietname e das lutas contra o racismo, o sexismo e a degradação ambiental, os estudantes exigiram que os cursos universitários fossem relevantes para as questões importantes então na ordem do dia. Os filósofos deram resposta a essa exigência regressando às origens da sua disciplina. Recordaram o exemplo de Sócrates, que questionava os seus concidadãos atenienses acerca da natureza da justiça, e acerca do que é preciso para que vivamos justamente, e tiveram a coragem de fazer perguntas semelhantes aos seus estudantes, aos colegas filósofos e ao grande público.

O meu primeiro livro, redigido tendo por pano de fundo a resistência da época ao racismo, ao sexismo e à guerra do Vietname, pergunta quando se justifica a desobediência civil numa democracia ⁽¹⁾. Desde então, tenho em grande medida tentado responder a questões importantes para as pessoas alheias aos departamentos de filosofia. Em alguns círculos filosóficos há a ideia de que não vale a pena falar do que puder ser compreendido por quem não estudou filosofia, pois isso não será suficientemente profundo. Pelo contrário, suspeito que o que não puder ser dito claramente é provável que também não esteja a ser pensado com clareza.

Se muitos académicos pensam que escrever um livro dirigido ao grande público está abaixo da sua dignidade, escrever

um artigo de opinião para um jornal é descer ainda mais fundo. Nas páginas que se seguem encontra o leitor uma seleção dos meus escritos mais curtos. As colunas dos jornais são muitas vezes efêmeras, mas as que selecionei aqui discutem questões perenes ou abordam problemas que, infelizmente, ainda nos acompanham. A pressão de não exceder mil palavras obriga-nos a escrever num estilo que seja não apenas claro, mas também conciso. Claro que nesses ensaios é impossível apresentar a nossa investigação de maneira que possa ser avaliada por outros acadêmicos, e é inevitável que algumas das sutilezas e reservas que poderiam ser exploradas num ensaio mais longo tenham de ser omitidas. Quando os nossos colegas dos departamentos de filosofia apreciam o que fazemos é agradável, mas eu também ajuízo o sucesso do meu trabalho pelo impacto que os meus livros, artigos e palestras têm na audiência muitíssimo mais alargada com interesse em pensar acerca de como se vive eticamente. Os artigos das revistas com revisão dos colegas são, segundo um estudo, inteiramente lidos por uma média de apenas dez pessoas (2). Um artigo de opinião num dos principais jornais ou difundido em várias publicações pode ser lido por dezenas de milhar ou até milhões de pessoas, resultando daí que algumas poderão mudar de ideias acerca de uma questão importante ou até mudar a sua maneira de viver. Sei que isso acontece porque as pessoas dizem-me que os meus escritos mudaram os donativos que fazem às instituições de caridade, levaram-nas a parar de comer animais ou, pelo menos num caso, levaram-na a doar um rim a um estranho.

Os ensaios da primeira secção lançam alguma luz sobre a minha abordagem da ética, mas poderá ser útil falar aqui um pouco mais sobre isso. Os juízos morais não são puramente subjetivos; nesse aspeto, são diferentes dos juízos de gosto. Se fossem puramente subjetivos, não pensaríamos que

vale a pena discutir questões éticas, tal como não pensamos que vale a pena discutir a escolha do sabor de um gelado. Reconhecemos que os gostos diferem, e que os molhos não têm uma quantidade «certa» de alho; mas pensamos que vale a pena discutir a legalização da eutanásia voluntária ou a moralidade de comer carne.

A ética também não é apenas uma questão de exprimirmos as nossas respostas intuitivas de repugnância ou aprovação, ainda que sejam muitíssimo comuns. Talvez tenhamos reações de repugnância que ajudaram os nossos antepassados a sobreviver quando eram mamíferos sociais, mas não eram ainda seres humanos com capacidade para o raciocínio abstrato. Essas reações nem sempre serão uma orientação de confiança do que é moral ou imoral fazer na comunidade muitíssimo maior e mais complexa em que vivemos hoje. Para isso, temos de usar a nossa capacidade para raciocinar.

Houve uma altura em que eu pensava que este tipo de raciocínio mais não poderia fazer do que pôr a nu as implicações de uma posição ética mais básica, que é, em última análise, subjetiva. Já não penso assim. Como Derek Parfit defendeu em *On What Matters* (que descrevo nas páginas seguintes num ensaio intitulado «Há alguma coisa que importe?»), há verdades éticas objetivas que podemos descobrir por meio do raciocínio e da reflexão cuidadosos ⁽³⁾. Porém, quem rejeitar a ideia de verdades éticas objetivas poderá ler os ensaios seguintes como tentativas de explicitar as implicações de aceitar o compromisso ético exposto por muitos filósofos em diferentes termos, mas talvez mais bem expresso pelo grande filósofo utilitarista oitocentista Henry Sidgwick:

[...] o bem de qualquer indivíduo não é mais importante, do ponto de vista do Universo (se assim me posso exprimir),

do que o bem de qualquer outro; a menos que, note-se, haja fundamentos especiais para pensar que é provável que se realize um bem maior num caso do que no outro. (4)

Sidgwick era utilitarista, como eu. Quando começamos a questionar as nossas respostas intuitivas evolutivas e culturalmente transmitidas, o utilitarismo é, penso, a perspectiva ética mais defensável, como argumentei muito mais atentamente em *The Point of View of the Universe*, escrito com Katarzyna de Lazari-Radek (5). Contudo, nos ensaios seguintes não pressuponho o utilitarismo. Isto porque, em muitos dos temas que discuto, as minhas conclusões seguem-se de muitas posições não utilitaristas, assim como de posições utilitaristas. Dada a importância prática destas questões, como bom utilitarista que sou, devo pretender escrever para a audiência mais ampla possível, e não apenas para alguns utilitaristas militantes.

Alguns dos ensaios seguintes abordam temas quanto aos quais sou bem conhecido: a ética das nossas relações com os animais, questões de vida e de morte e as obrigações que quem vive na abundância tem para com quem vive na pobreza extrema. Outros exploram tópicos em que as minhas perspectivas são provavelmente menos bem conhecidas: a ética do comércio de rins ou de cultivar produtos geneticamente modificados, o estatuto moral dos robôs conscientes e se o incesto entre irmãos adultos é imoral. A felicidade, e como promovê-la, desempenha um papel fundamental na minha perspectiva ética, e por isso é o tema de um grupo de artigos. Entre os ensaios mais pessoais, encontramos a reflexão final acerca do surf, que contribuiu para a minha própria felicidade.

Os leitores que conhecem o meu trabalho acerca de alguns tópicos poderão ficar surpreendidos com as minhas perspectivas acerca de outros. Tento manter um espírito aberto, reagir

aos indícios e não me limitar a seguir uma linha política previsível. E, se o leitor não está já persuadido de que os filósofos têm algo a contribuir para questões de interesse geral, espero que este volume o convença disso.

AGRADECIMENTOS

Muitos destes ensaios, ainda que certamente não todos, foram escritos para o *Project Syndicate*, um serviço noticioso que fornece comentários dos mais variados a mais de 450 publicações em 153 países. Instigado por Andrzej Rapaczynski, desde 2005 escrevo uma coluna mensal para o *Project Syndicate*, de modo que a minha maior dívida é para com ele por me ter recrutado como membro para a sua equipa de colunistas. Ao longo de todos estes anos, Agata Sagan deu-me a conhecer tópicos que deram origem a colunas, fez levantamento das fontes em que me baseei e comentários úteis aos meus artigos. Os diretores do *Project Syndicate*, Ken Murphy e Jonathan Stein, mostraram-me que mesmo os meus melhores esforços para escrever claramente podem ser melhorados. Agradeço ao *Project Syndicate* a autorização para reproduzir as colunas. Outros artigos são oriundos do *New York Times*, do *Washington Post*, do *New York Daily News* e da *Free Inquiry*. Alguns foram escritos em parceria, reconhecendo eu as importantes contribuições dos meus coautores para o meu pensamento e para os meus escritos: Nick Beckstead, Teng Fei, Marc Hauser, Frances Kissling, Agata Sagan e Matt Wage. Atualizei alguns dos ensaios quando isso parecia desejável, mas são aqui

apresentados, na sua maior parte, tal como foram primeiramente publicados.

A ideia deste livro veio de Rob Tempio, da Princeton University Press, de modo que te agradeço efusivamente, Rob, por teres concebido o projeto e por o teres acompanhado até ao fim. Agata Sagan explorou muitos dos meus escritos mais curtos e sugeriu candidatos para serem aqui incluídos. Aceitei a maior parte destas sugestões e agradeço-lhe o importante papel que desempenhou neste livro. Agradeço aos dois leitores anónimos da Princeton University Press os comentários construtivos, a Ellen Foos, a diretora de produção, pela sua gestão eficiente do processo de produção, e a Jodi Beder, a revisora, pela intervenção comedida, que, contudo, não a impediu de fazer sugestões que aumentaram a clareza e legibilidade do texto final.

Peter Singer

Centro Universitário para os Valores Humanos,
Universidade de Princeton,
e Escola de Estudos Históricos e Filosóficos,
Universidade de Melbourne

GRANDES QUESTÕES

